

De repente, Paulo Dantas faz viagem fora de hora

Nildo Carlos Oliveira

Era nas manhãs de sábado e domingo que costumávamos colocar a prosa em dia. Bem ali, no sobrado da Angelina Santize, onde ele me recebia com a voz forte de sertanejo despachado. Preenchia o tempo, essa imagem móvel da eternidade, na metáfora platônica, com histórias e lembranças de tudo e de todos, em um mundo literário construído livro a livro, sem jamais render-se às adversidades que aparecessem.

De repente, um golpe me apanhou de surpresa, na voz da poeta Rosani Abou Adal: Paulo Dantas falecera. Morreu no dia 11 deste mês, no Hospital Santa Cecília, em razão de uma parada cardiorrespiratória. Aos 85 anos, 72 dos quais dedicados sem parêntesis e reticências à literatura, ele acabara de cumprir seu destino. E fizera aquela viagem, para nós, absolutamente fora de hora e propósito.

Duas semanas antes eu ainda estivera com ele num papear desmedido naquele espaço todo dele – dele e de seus hábitos e costumes - a sala de sua casa em cujas paredes espalhara reprodução de capas dos livros atirados no mundo: *Capitão Jagunço*, *Cidade Enferma*, *Sagarana Emotiva*, *De repente, o mar*. E fotos de várias fases de uma trajetória marcada pelos prêmios conquistados: “Afonso Arinos” e “Coelho Neto”, da Academia Brasileira de Letras; “Mário Sete”, do Jornal de Letras; “Pen Clube”; “Câmara Municipal de São Paulo” e “Fundação Cultural do Distrito Federal”.

Desde que publicou, em 1943, a novela *Aquelas muralhas cinzentas*, nunca mais deixou de produzir. Fez a trilogia formada pelos romances *Chão de Infância*, *Purgatório* e *O livro de Daniel*, concebendo, no conjunto, mais de 30 obras. Dentre elas, ensaios e reflexões que revelam uma paixão identificadora com três pilares básicos da arquitetura literária nacional: Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Guimarães Rosa.



Paulo Dantas

Nordestino de São Simão (Sergipe), com vivência no território humano de Jorge Amado - Ilhéus e em outras regiões grapiúnas - ele lançou âncora na Paulicéia, depois de passar pelo Rio, Petrópolis e Ribeirão das Neves, MG, onde trabalhou na Penitenciária Agrícola de Neves, como secretário particular de José Maria de Alkmin, então diretor daquele estabelecimento.

Em São Paulo, com livro prefaciado por Monteiro Lobato, o escritor tornou-se também editor. No começo dos anos 60 empenhou-se na edição e lançamento, na Coleção Terra Forte, da Francisco Alves, do romance *Porto Calendário*, de Osório Alves de Castro. Osório, comunista e alfaiate, havia costurado esse romance aos fundos da Alfaiataria Rex, em Marília, utilizando lápis, agulha, tesoura e a inesgotável paciência dos artesãos obstinados.

Livro solto no mundo (Osório conquistou o Prêmio “Jabuti”) os dois homens selaram amizade eter-

na. E *Porto Calendário* contribuiu para estabelecer um nexos maior entre Osório, Paulo e Guimarães Rosa. Os três falavam a linguagem de todos os sertões: os sertões místicos, políticos, tangerinos, pátrios, gerais, na palavra viva do autor de *Sagarana Emotiva*.

A identificação Paulo-Rosa era tanta, que certa vez cheguei a vê-lo participando de um concurso de televisão, onde o teste era responder a qualquer pergunta sobre o autor e o conjunto de suas obras. Que me conste, ele não deixou nenhuma indagação em aberto. Sabia tudo sobre a humanidade “dos gerais sem tamanho”. Rosa e Lobato foram alguns dos escritores com quem mais conviveu. Penetrou-lhes nas obras e na alma, como se unha, carne e espírito tivessem sido. E, com

Euclides, conviveu nas caatingas assimilando a liberdade da linguagem forte e a coragem dos insubmissos de Canudos.

Um dia, ao receber os originais do romance *Olho por Olho*, de minha autoria, se dispôs, de imediato, a fazer o prefácio. “Para você não perder tempo interpretando os meus garranchos, pois agora, doente, tenho dificuldade em escrever à mão, vou ditar para você o texto de introdução ao seu romance”, disse ele. E foi assim, palavra a palavra, com extrema paciência, que ele elaborou um prefácio generoso demais para o meu merecimento.

Privado, hoje, da presença de Paulo e certo de que as nossas manhãs de sábado e domingo farão parte, doravante, apenas de minhas memórias, consulto a presença dele em sua obra. Nas mãos, *Euclides da Cunha* e *Guimarães Rosa - Através dos Sertões* e *Presença de Lobato*, trabalhos recentemente reeditados. Ambos, livros onde essas grandes personalidades

da literatura brasileira são interpretadas em suas trajetórias, alegrias e vicissitudes.

Sobre Lobato, diz Paulo: “Foi um vendaval que soprou sacudindo a poeira dos caminhos e abalando a paz dos acomodados”. E, sobre Euclides e Guimarães Rosa: “O sertão de Euclides não tinha rede nem varanda; já o sertão de Rosa era um alpendre enorme, permitindo até divagação, a metafísica”.

Sua rica bibliografia é um ensinamento. Sua literatura, à vontade como o ritmo das alpercatas batendo no chão sertanejo, uma valiosa contribuição para o entendimento dos autores que amou. Conheceu diversas gerações de escritores e sabia desenhar o perfil e as idiosincrasias de todos eles. Sua vida, enfim solitária, no sobrado da Angelina Santize, voltou-se para as memórias. E é uma pena que não haja concluído *Poeirama*, além de outras obras das quais me falava, como se prestes a serem concluídas estivessem. Deixa o filho Paulo Ulisses Maia Dantas, cineasta conhecido, e a filha Sônia Kiralina Maia Dantas Guggenheim, diplomata. Ambos, onde quer que estivessem, sempre estavam com o pai, espelho das famílias que eles construíram.

Na última viagem, sem propósito e fora de hora, Paulo Dantas não esqueceu de levar consigo o boné e a bengala. Olhando-o no Araçá, pouco antes que iniciasse aquela viagem do nunca mais, lembrei que ele registrara: “Nasci escritor e quero morrer escritor”.

As cinzas de seu corpo, cremado em Vila Alpina, ajudarão a compor a moldura de uma existência sem pausas para descanso. Elas serão lançadas em Campos do Jordão, cidade onde ajustou o cenário de um dos seus livros mais notáveis, morou e fez grandes amizades.

Até lá, Paulo.
SP. 16.06.07.

Nildo Carlos Oliveira é escritor, crítico literário e jornalista.

Sem o Nosso Menino-Jagunço



Rosani Abou Adal

Paulo Dantas, o nosso menino-jagunço, faleceu no dia 11 de junho, em São Paulo. Quem me informou sobre seu falecimento foi Caio Porfírio Carneiro. A notícia veio como um golpe – uma punhalada no peito.

Meio entorpecida com a triste informação, avisei aos amigos e aos sócios da UBE sobre o velório do dileto amigo.

Senti que estava presa entre “muralhas cinzentas” e fiquei sem ação. Perdi o amigo, pai, irmão e companheiro das Letras. Não consegui chorar e não sabia porquê.

No fechamento dessa edição as lágrimas vieram à tona e, então, descobri: as lágrimas tinham se transformado num deserto “nordestino–nordestinado”. Minha cidade estava “enferma”, o “lobo do planalto” havia se calado.

A única coisa que consola e que me dá forças para driblar a tristeza é que a obra não morre. Os personagens que o nosso querido “jaguncinho” criou estarão sempre vivos dentro da gente.

O escritor foi para uma outra vida. Que a paz seja sua companheira.

Vá, tranqüilo, Paulo Dantas, porque seus personagens se eternizaram.

A Ilustre Arte Literária

Caio Porfírio Carneiro

Temos em **A Ilustre Casa dos Fantasmias**, de Fátima Quintas (Recife - FacForm, 2006), apenas um romance, dentro da definição formal para o gênero? Temos isto e, valendo-nos da seqüência dos “por aqui, por aqui, por aqui...”, sinalizados pela autora na emblemática e poética abertura do livro, temos mais que isto. Uma obra difusa, talvez dissesse o mestre Machado; uma “roldana” ficcionada, poderia dizer sobre ela um bom leitor, sem falso engano. Por tudo isto, e além disto, temos de fato uma obra poliédrica, com muitas pontas, que se fragmentam, unem-se, fogem e voltam, num sempre inesperado jogo lúdico de espelhos e contra-espelhos, que caminham e alcançam aquele ponto nodal, a um tempo ausente e terrivelmente presente: a **fugacidade** de tudo, que o tempo não perdoa.

Pouco vimos ficcionista com tanto **impulso** criador; pouco vimos tantos retratos pulsantes de vida de uma família bamboleando na decadência senhorial; pouco vimos tantos mistérios silentes e vívidos na alma de cada personagem, das principais às secundárias.

A autora treliça notavelmente o narrativo com o descritivo, o psicológico em subjacência. Até nos arremates isolados e curtos, sobretudo neles, afloram lampejos e achados literários que, embora liames soltos, ampliam a unção familiar. Uma unção que vem do fausto passado, uma ressonância de prece muda na decadência inexorável.

Os dramas, variados e familiares, em meios tons doídos, são palpáveis e fotográficos, mas, de repente, em pontos vários, no jogo dos contra-espelhos, vêm ao vivo as mutações rápidas do impressionismo para o expressionismo, e arrastam o leitor para dentro deles.

Poderíamos chamar de solidão em família, eis que as personagens vivem suas vidas, conversam, falam, convivem familiarmente, (embora a autora pouco se valha do diálogo), mas guardam um “silêncio” maior dentro de si, a começar

pela avó e a irradiar-se por toda a saia familiar.

A personagem narradora, que abre os caminhos entre os meandros do clã, é sempre elíptica nos **flashes**, bordejando a crônica, a reminiscência, o miniconto, dando-lhes uma unidade perpassada por constante sopro poético. Essa menina e moça, que rompe as convenções estabelecidas e envelhecidas, é a **chave** que vai ampliando as fendas do que já foi e não poderá mais ser. Narra, conta, vê, mostra, expõe seus pontos de vista e confissões, envolve-se amorosamente, mas deixa que as personagens palpitem e vivam, o que é notável.

Alguns pontos vibráteis da obra, entre vários deles o sótão e a cartomante, são ímãs de atração e repulsão do que já foi, do que é e do que virá ou poderá vir, no ambiente familiar, tal como na evolução social.

Como a autora caracteriza bem as personagens... Até as que residem distantes. Como traz ao vivo, num sopro, tantos sentimentos... Como faz tudo isto com economia de meios...

A linguagem, sempre essencial, em certos momentos parece perder ou se afastar da leveza de trato, particularmente nos trechos mais descritivos. Acontece que a autora, talvez sem se aperceber, transmuda isto em achados criadores, um viés a mais ao seu estilo personalíssimo. A ensaísta, na literatura, através desta obra que, pede análise mais demorada, criou um “como dizer” só dela, sem perder de vista o sopro lírico até nos momentos de desesperanças familiares. Alcança, com isto, aquela cadência literária, tão ao gosto do truismo de Lukács: “O difícil não é **dizer**, o difícil é **como dizer**.”

Pois esta obra, tal como foi concebida e tal como foi **dita** pela autora, não perecerá.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e Secretário Administrativo da União Brasileira de Escritores.

CUPOM DE ASSINATURA

Nome: _____
 Endereço: _____
 Cidade: _____ Estado: _____
 Bairro: _____ CEP: _____
 E-mail: _____ ☐ : _____

Assinatura Anual: R\$ 42,00 - Semestral: R\$ 21,00

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 -

São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 6693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Linguagem Viva

Periodicidade: mensal - **Site:** www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 6693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – **CCM:** 96954744 – **I.E.:** 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana* - R Tiradentes, 647 - Piracicaba – SP – 13400-760

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

www.vipworkcultural.com.br

VIPWORK Cultural

Estas e muitas outras obras!

Acesse nossa loja virtual segura

www.vipworkcultural.com.br

A Figura Ímpar de Francisco Escobar

Angelo Caio Mendes Corrêa Junior

No ano de 1898 Euclides da Cunha chegava a São José do Rio Pardo, interior de São Paulo, para dirigir os trabalhos de reconstrução da ponte sobre o rio que dá nome àquela cidade. E foi ali que conheceu um ilustre mineiro de Camanducaia, figura singular com quem estabeleceria sólida amizade.

Naquele longínquo ano, Francisco Escobar era o intendente municipal de São José do Rio Pardo, designação então usada para indicar o cargo de prefeito.

Foi o saudoso euclidianista Olímpio de Sousa Andrade, em seu *História e Interpretação de Os Sertões*, quem lapidarmente sintetizou o caráter desse grande brasileiro: “Era a bondade e a sapiência em pessoa... tudo sabendo, informando tudo sobre qualquer assunto, a qualquer

momento, como se fosse uma enciclopédia... a esse feitio íntimo, composto com o que há de melhor na textura da bondade e do saber e inteiramente despido de vaidade, é que se deve o fato de vir o seu nome sempre em destaque quando se trata da elaboração de *Os Sertões*, inclusive na lembrança de Euclides, que o apontou como seu melhor colaborador, evidentemente no sentido do prestígio e da cultura do amigo.”

Nascido a 8 de dezembro de 1865, aprendeu Francisco Escobar com sua irmã Ana as primeiras letras e a música. Aos 13 anos já conhecia em profundidade o latim, conforme nos ensina seu biógrafo, Manuel Casasanta.

Ainda adolescente entregou-se de modo apaixonado às causas abolicionistas e republicanas, iniciando-se na imprensa como fundador e diretor do primeiro jornal de Camanducaia, a *Folha do Povo*. Pouco depois, por orientação de João Pinheiro, fundou em sua cidade natal o Clube Republicano.

Logo após a Proclamação da República, deixou Camanducaia rumo a São José do Rio Pardo, onde entre 1896 a 1899 foi intendente municipal e fundou o Clube Democrático Internacionais Filhos do Tra-

balho, defensor das idéias socialistas.

Ao terminar seu mandato em São José do Rio Pardo, após rápida passagem por São Paulo, retornou a Camanducaia, tornando-se vereador. Em seguida, foi nomeado por Wenceslau Brás prefeito de Poços de Caldas, ali fazendo uma administração moderna e progressista. Seu último cargo público foi o de senador por Minas Gerais, infelizmente interrompido por sua morte, a 30 de dezembro de 1924.

Como bem acentuou Manuel Casasanta, Francisco Escobar foi “advogado, administrador, político, intelectual, artista, em resumo..., marcou a presença de um engenheiro singular, disfarçado sob a capa do estudante crônico.” Sua vastíssima erudição o permitia, de acordo com Francisco Venâncio Filho, discorrer sobre as teorias de Einstein, Freud, Bergson, Croce, William James, dentre tantos outros. Leitor dos clássicos greco-latinos no original, profundo conhecedor do português arcaico, foi de Escobar que Afonso de Taunay socorreu-se para traduzir documentos quinhentistas, fontes para a elaboração de seu *São Paulo no Século XVI*. Bibliófilo, chegou a possuir acervo com sete mil volumes, numa época em que a circulação de livros, sobretudo no interior do país, era extremamente restrita. Cultor da música, tinha em Bach e Beethoven seus mestres maiores. Político de honradez raramente igualada, ao morrer o único bem que deixou foi a casa em que residia em Poços de Caldas.

Monteiro Lobato, outro caro amigo seu, com exatidão disse: “Em Escobar se reuniam todas as qualidades de coração e todos os valores de espírito, sem que ele jamais exibisse nenhum.” Em *A Vida Literária no Brasil 1900*, Brito Broca assim se referiu: “Uma grande e bela amizade, profundamente criadora foi a de Francisco Escobar e Euclides da Cunha. Basta dizer que sem a intervenção solícita, protetora e estimulante de Escobar, talvez *Os Sertões* não viesse a ser escrito.”

Angelo Caio Mendes Corrêa Junior é professor e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP).



Francisco Escobar

Xadrez

Rodolfo Konder

Neste imenso tabuleiro de precisa topografia, de florestas e desertos, cidades e pântanos atravessados pela mesma espada de curso irrevogável, somos todos, jogadores e peças, prisioneiros da loucura e da razão, da esperança e da guerra. Nas vitórias amargas ou nas doces derrotas, tecemos os mitos e as agônias que, na verdade, já nos aguardavam, como desoladas feras à espreita. Nosso destino, feliz ou infelizmente, é de pedra, como são de pedra os nossos juízes.

Alternam-se aqui os dias e as noites, o som e a fúria, os cristais e as sombras, as gravuras e os afeitos, nos flancos secretos de um surpreendente crepúsculo por onde passeiam bispos e rainhas, cavalos e peões, torres e reis. A perseverança, a fraqueza, o temor e a ousadia chegam pelas mãos indiferentes do jogador – compostas, elas mesmas, de milhares de pequeninas mãos, como queria Demócrito.

As trevas que cobriam pássaros e livros, a partir de 1914 e 1939, estiveram antes em Cartago e nas Termópilas, como depois se derramaram, tristes e pegajosas, sobre as Colinas de Golan, os campos da Geórgia, as águas do Golfo, as ilhas esquecidas dos Mares do Sul, a Sérvia e a Croácia, o Haiti e o Afeganistão. Empossaram Pinochet, Ceausesco, Stroessner, Honecker, Somoza e Sadam Hussein. Alimentaram Mussolini e Mao, Hitler e Stalin. Despertaram os monstros da cobiça e da inveja. Estimularam a inflação e o corporativismo. Neste momento, desafiavam mais uma vez o tempo dos

jogadores, em seu labirinto. Invadem os sonhos, escondem-se nos porões, arrastam memórias e profecias.

Os dias de sol também avançam seus cavalos alados pelas veredas da salvação. Já estiveram entre o Tigre e o Eufrates, subiram o Nilo, resvalaram pelas vertentes insondáveis da cordilheira que abrigou os incas e tremeu sob os animais de Pizarro. Em torno de uma mesa, sentaram-se, nos tempos quase esquecidos do rei Artur, em Yalta ou Camp David. Usaram boinas azuis. Inventaram o controle remoto. Inundaram de esperança as urnas de outubro. Reduziram a inflação. Estimularam a libertação das mulheres. Aumentaram as expectativas de vida. Ofereceram-nos os dons inestimáveis da coragem e da amizade.

Os jogadores, como as peças, habitam a mesma – e insólita – topografia, aprisionados nesta imperceptível simetria. Mas todos obedecem a um único comando. Uma só vontade os movimenta, na trama inexplicável, que faz dos jogadores imagens distorcidas no espelho dos tempos, enquanto destrói impiedosamente as peças mergulhadas em cruel anonimato. A grande dúvida: haverá uma trama atrás da trama? Borges já nos desafiou, um dia, com a sua sofrida inquietação: “Que Deus atrás de Deus o artilheiro começa, de pó e tempo e sonho e agonia?”

Rodolfo Konder é escritor, jornalista, Diretor Cultural da Unifmu e conselheiro da União Brasileira de Escritores.



VipWork Agência e Editora

Fone / Fax (11) 6291.4284

vipwork@vipwork.com.br

Soluções inteligentes para o SEU negócio .

<p>Consultoria:</p> <ul style="list-style-type: none"> - RH; - Comunicação Empresarial; - Planejamento Estratégico; - Análise de Clima; entre outros. 	<p>Editora:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identidade Visual (logo, cartão de visita, envelope, timbrado, adesivo, banner); - Comunicação Interna/ Externa (revista, jornal, folder, catálogo); - Embalagens/ Brindes; - Livros.
<p>Web:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sites; - Newsletters/ E-mail Marketing; - Loja Virtual. 	

Oitenta anos de “O estrangeiro”

Victor Emanuel Vilela Barbuy

Está passando em brancas nuvens o octogésimo aniversário da obra “O estrangeiro”, que abriu a trilogia de “Crônicas da vida brasileira”, configurou-se como um marco de renovação do romance neste País e fez de seu autor, Plínio Salgado, um romancista renomado e consagrado pela crítica.

No magnífico artigo que o Prof. Miguel Reale, de saudosa memória, publicou no jornal “O Estado de S. Paulo” a 25 de fevereiro de 1995, ano em que era celebrado o centenário de Plínio Salgado, observou o grande filósofo, jurista e Imortal que o “silêncio da imprensa e de todos os meios de comunicação a respeito do centenário do nascimento de Plínio Salgado demonstra quanto pode a força do preconceito e notadamente do preconceito ideológico, capaz de obscurecer o real valor de nossos homens mais representativos. Porque Plínio Salgado, visto geralmente apenas sob o prisma da falsa ‘Vulgata integralista’ disseminada por esquerdistas de todos os napes, reuniu, como bem poucas personalidades, o que há de mais característico, positiva e negativamente, na cultura brasileira”.

O autor de “O Estado Moderno” e de “Pluralismo e liberdade”, fundador do Instituto Brasileiro de Filosofia e da “Revista brasileira de Filosofia”, criador da Teoria Tridimensional do Direito e idealizador do novo Código Civil brasileiro terminou o artigo observando que não alimentava a esperança de que seu pronunciamento pudesse “fazer justiça ao grande paulista e brasileiro que foi Plínio Salgado, pois só o tempo o fará; mas ele por certo pensava, como Siqueira Campos, que tanto admirava, que da Pátria nada se espera, nem mesmo compreensão”.

Tudo aquilo que disse o Prof. Reale lamentavelmente continua válido, explicando o criminoso silêncio da mídia em relação aos oitenta anos do nosso primeiro romance social em prosa modernista.



Plínio Salgado

No Brasil, País cuja “intelligentsia” tende a perdoar todos os inumeráveis crimes da “esquerda”, ao mesmo tempo em que persegue inquisitorialmente todos aqueles que se batem contra o materialismo, difamando-os, caluniando-os e achincalhando-os, pouquíssimas são as pessoas sinceras que, quebrando as cadeias do preconceito ideológico, analisam Plínio Salgado e sua obra por aquilo que verdadeiramente são e não pela imagem absurdamente deturpada que seus inimigos e os inconscientes e ignorantes a seu serviço criaram deles, fazendo-lhes, assim, justiça.

Parece-me, entretanto, que as coisas estão principiando a mudar, ainda que lentamente, de modo que creio na restauração da Verdade, na justíssima reabilitação do autor de “O estrangeiro”, “O esperado”, “O cavaleiro de Itararé”, “A voz do Oeste” e “Vida de Jesus”, cujo valor literário lhe concede, como bem sublinhou ninguém menos que Juscelino Kubitschek, “a autêntica palma da imortalidade”.

A idéia de escrever “O estrangeiro”, que tivera sua gênese nas leituras de autores espiritualistas e tradicionalistas que haviam despertado em Plínio Salgado novas inquietações aparentemente adormecidas sob a leitura dos filósofos materialistas do séc. XIX, só tornou-se definitiva – como relatou o romancista em entrevista a Silveira Peixoto publicada em

1940 na primeira série da obra “Falam os escritores” – no decorrer de uma viagem que fez à zona Araraquarense, em princípios da década de 1920, em companhia de Alarico Silveira, então Secretário do Interior de São Paulo.

O sucesso de “O estrangeiro” foi algo realmente extraordinário. A primeira edição esgotou-se em menos de três semanas e o burburinho que se fez em torno do romance, na imprensa nacional, foi espantoso, mostrando ao autor que ele havia acertado. Mas ele ignoraria tudo o quanto então se publicava a respeito dele e de sua revolucionária obra, se não fosse por seu amigo Fernando Callage, que colecionava todos os artigos, posto que naquela ocasião, na pequenina, bucólica e tradicional São Bento o Sapucaí, falecia a mãe de Plínio Salgado, que, estando já à beira da morte, tomou o livro do filho nas mãos, projetando lê-lo mais tarde, quando estivesse melhor, o que infelizmente não ocorreu...

Plínio Salgado é – em “O estrangeiro” e nos dois romances que lhe seguem e formam com ele a trilogia de “Crônicas da vida brasileira” – o genial cronista, intérprete de uma época de dúvidas e de incertezas que, imbuído dos ideais dos mais sadios patriotismo e nacionalismo e livre de todas as questões da forma e do estilo,

revela-se um espectador e conhecedor de todas as correntes ideológicas e de todos os dramas das diferentes classes sociais. É, ademais, dotado de uma formidável capacidade de compreender e amar todos os antagonismos, bem como de alma para efetivamente sentir, sofrer e expressar, sem temor ao uso da palavra, todos os complexos estados de espírito nacionais.

Sua obra, na qual podemos sentir o cheiro de nossa terra, é ao mesmo tempo uma magistral exposição dos problemas que afligiam – e afligem – o Brasil e o seu povo, e uma profissão de fé do autor no futuro da Pátria.

Plínio Salgado, figura exponencial do Modernismo brasileiro, foi, como disse Augusta Garcia Rocha Dorea, o escritor que realizou totalmente o “espírito animador” da Semana de Arte Moderna, uma vez que pugnou pela nacionalização integral do Brasil “na literatura, no espírito e nos costumes do povo, na cultura e na política”.

O livro de Plínio Salgado é, antes de tudo, uma crônica das vidas paulista e brasileira entre princípios da década de 1910 e a época em que foi concluído, com a fixação de aspectos da vida rural, da vida provinciana e da vida na grande urbe (São Paulo).



**Especializada em
importação direta de
livros portugueses.**

**Livros de todas as áreas de editoras portuguesas,
Cds, artesanato e galeria de arte.**

**Desconto de 10% para advogados, juristas,
professores e estudantes.**

Prazo de entrega: 15 dias.

Aceitamos encomendas de livros de editoras nacionais.

Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luis, 192 - Centro - São Paulo -SP

E-mail: livrariacoimbra.pt@ig.com.br

Tel.: (11) 3120-5820 – Telefax: 3258-9105



Estrangeiro - Cont.

uma admirável mensagem de civismo, enquanto combate o cosmopolitismo com todas as suas forças. É ele quem estrangula os papagaios que haviam aprendido a cantar o hino fascista "Giovinezza" e outras italianidades e que tentara de balde curar no Sertão, num episódio em que Plínio Salgado manifesta claramente o seu entendimento de que as doutrinas alienígenas jamais seriam a solução para os problemas do Brasil.

Ivan, o russo que fora amigo de Górkki e conspirara para matar o czar de todas as Rússias nos bairros escusos de Moscou, é o personagem central do livro. É, como diz o autor no prefácio onde é esquematizada sua obra, a "síntese de todos os personagens, consciência de todos os males". Tendo enriquecido, tornando-se proprietário de uma fábrica no Brás, o russo, por outro lado, não conseguiu integrar-se ao Brasil – ao contrário dos Mondolfis e em que pese o esforço de Juvêncio – e não foi feliz no amor, de modo que termina por dar cabo da própria vida num ato trágico em que também são mortos todos os seus empregados.

Major Feliciano figura o charlatanismo da política dominante, constituindo o típico político profissional que age sempre em prol do interesse próprio e em detrimento do bem comum.

Eugênio Fortes, o poeta, representa o alheamento dos intelectuais em face da realidade e dos problemas de que padece nossa Sociedade.

O sempre rigoroso Agripino Grieco considerou "O estrangeiro" o melhor romance daquele ano de 1926 e afirmou que, "obra de desafogo mental, útil depoimento de um homem livre, 'O estrangeiro' é um livro fervilhante, pululante de idéias, é a obra de um literato que se completa no pensador, no historiador, no sociólogo. Obra panorâmica que faz ver o Brasil de hoje como uma carta em relevo".

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) também saudou "O estrangeiro" com entusiasmo, julgando-o "o romance mais dramático de nosso tempo".

Jackson de Figueiredo analisou, em seu artigo

intitulado "O Saci, o Avanhandava e o imperialismo pacífico", aquela primeira obra romanesca de Plínio Salgado, terminando por observar que "O estrangeiro é mesmo nos seus mais aflitivos e cruéis avisos, um livro de esperança e de fé".

Monteiro Lobato escreveu, a respeito daquele romance ao mesmo tempo paulista e brasileiro, o texto *Forças novas*, em que, havendo reconhecido que "Plínio Salgado consegue o milagre de abarcar todo o fenômeno paulista, o mais complexo do mundo, metendo-o num quadro panorâmico de pintor impressionista" e observado que "todo o livro é uma inaudita riqueza de novidades bárbaras, sem metro, sem verniz, sem lixa acadêmica – só força, a força pura, ainda não enfiada em fios de cobre, das grandes cataratas brutas", termina dizendo que "Plínio Salgado é uma força nova com a qual o país tem que contar".

Cassiano Ricardo, por seu turno, afirmou que Plínio Salgado é "um brasileiro que conseguiu 'viver' o Brasil, penetrar os recantos úmidos da terra, fixar-lhe os aspectos mentais, ouvir o tropel da nação vindoura, adivinhá-la nas intenções mais obscuras de mundo virgem, plasmar o tumulto da cidade babélica", sendo ainda "um Alencar corrigido por um Machado".

Mário de Andrade também não poupou elogios a "O estrangeiro", que considerou o maior romance de sua geração.

Muitos anos mais tarde, Wilson Martins classificou "O estrangeiro" como o melhor romance escrito na década de 1920, ao lado de "O esperado", também de Plínio Salgado.

Antônio Cândido já assumiu que gostava bastante dos romances de Plínio Salgado, de modo que estou certo de que ele só ainda não escreveu a respeito deles por temer a ira daqueles que ainda não se libertaram dos grilhões do preconceito ideológico.

Defenderam alguns, inclusive Miguel Reale, que "O estrangeiro" deveria ser tão lembrado quanto "A bagaceira", romance de José Américo de Almeida, mas discordo deles, já que "A bagaceira" - como bem observaram Brito Broca, Augusta Garcia Rocha Dorea e outros - bastante fica a dever a seu modelo, que não foi outro senão "O estrangeiro" de Plínio Salgado.

Encerro aqui este singelo trabalho, na certeza de que cheguei ao menos perto de fazer justiça a um dos maiores e menos lembrados livros de nossa Literatura, bem como a um dos mais invulgares e esquecidos escritores pátrios, contribuindo, ainda que infimamente, para resgatar o prestígio de "O estrangeiro" e de seu autor, Plínio Salgado, "esse injustiçado", como bem disse Pedro Paulo Filho, tendo derrubado algumas pedras do gigantesco e ignóbil muro do preconceito ideológico ainda tão forte em nosso País.

São Paulo, 10 de novembro de 2006.

Victor Emanuel Vilela Barbuy é escritor e crítico.

O ciclo ascendente do colono é simbolizado pelos Mondolfis, italianos que chegam da Península sem mais do que algumas trouxas de roupa e em poucos anos, com o suor de seus rostos e uma certa dose de sorte – a geada que poupa os cafezais de Carmine Mondolfi, o patriarca da família, ao passo que devasta todos os outros da região – tornam-se milionários, com cafezais, indústrias, ações majoritárias de uma estrada de ferro, palacete na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, automóveis de luxo e título de "Cavaliere Ufficiale" para Carmine Mondolfi.

O ciclo descendente das tradicionais famílias quatrocentonas, por sua vez, é representado pelos Pantojos, que, grandes fazendeiros no interior, mudam-se para a Capital Paulista, onde vão residir num palacete no aristocrático bairro de Higienópolis, e, após vender a fazenda aos Mondolfis, acabam rapidamente dissipando toda a fortuna nos luxos e vícios da cosmopolita metrópole do café.

Zé Candinho, caboclo rijo e labutador, simboliza os novos bandeirantes, os brasileiros autênticos que, "fortes como fundadores de países", marcham pelas veredas rumo ao Oeste, ao Sertão, como haviam feito seus antepassados.

Nhô Indalécio representa, ao contrário, os caboclos que não têm forças para lutar, para progredir, e de "olhos morteiros, toadas monótonas nos lábios", sofrem pelas mãos dos poderosos, nacionais e estrangeiros, diante da completa omissão do Governo.

Juvêncio, o mestre-escola, é o patriota e nacionalista que leva a seus alunos – sejam eles filhos de italianos, espanhóis, portugueses, japoneses, sírios ou caboclinhos e mulatinhos –



VipWork Agência e Editora

Fone / Fax (11) 6291.4284

vipwork@vipwork.com.br

Soluções inteligentes para o SEU negócio .

<p>Consultoria:</p> <ul style="list-style-type: none"> - RH; - Comunicação Empresarial; - Planejamento Estratégico; - Análise de Clima; entre outros. 	<p>Editora:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identidade Visual (logo, cartão de visita, envelope, timbrado, adesivo, banner); - Comunicação Interna/ Externa (revista, jornal, folder, catálogo); - Embalagens/ Brindes; - Livros.
<p>Web:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sites; - Newsletters/ E-mail Marketing; - Loja Virtual. 	

Ministro da Educação e Cultura
 Brasília, em 6 de novembro de 1972

Meu caro Deputado:

Acebo de ler sua prezada carta, em que relata as origens emocionais que o levaram, em 1921, a produzir "O Estrangeiro", essa obra primorosa, da literatura portuguesa.

Ben pode o ilustre Anjo imaginar minha tristaza por não poder juntar a minha pobre à sua rica voz, nas cerimônias que reproduzirão (passados 51 anos!) a ocorrência que lhe causou o choque emocional sob o qual concebeu o enredo do seu livro admirável. É que estou enverado e comprometido sério, qual o de receber, em Belém, em sessão solene, o título de Doutor Honoris Causa, da Universidade do Pará. Já não teria como alterar a data.

Ficaremos, assim, eu no extremo Norte e Vossa Excelência no sul (em o nesso, diris melhor) São Paulo, ligados por emoções que nos serão tão caras.

Desejo-lha, com toda a sinceridade, mais um dia de glórias na sua vida literária.

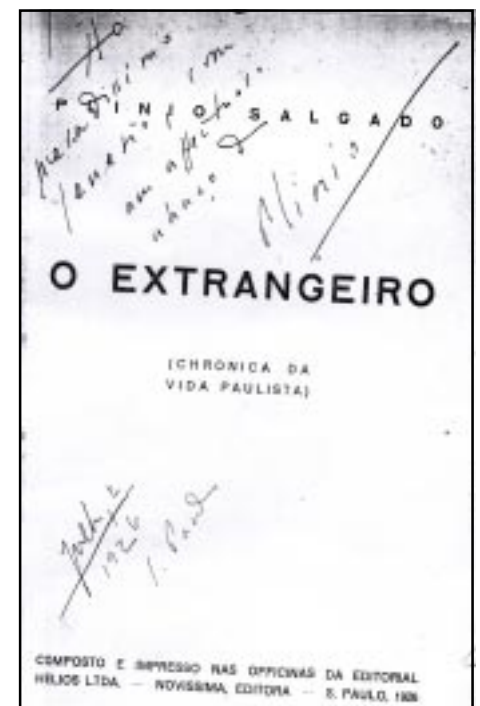
Cordialmente, o

Passarinho
 JARAS G. PASSARINHO

Prezado amigo,
 este é um convite. No dia 17 de novembro, 6ª feira, toda a zona araraquarense estará em festa, para o lançamento a tarde de autógrafos da 8ª edição, patrocinada pelo Ministro Jarbas Passarinho e executada pela Livraria José Olímpio, do meu romance "O Estrangeiro", cuja inspiração ocorreu em Ponta-Araçá, quando marcham as cidades da região. A Prefeitura daquele município vai inaugurar uma placa de bronze comemorativa e em S. José do Rio Preto se concentram os municípios paulistas para o lançamento do livro. Conto com a sua presença e de seus amigos a este acontecimento histórico.

31-10-72 Salão Nobre da Prefeitura *Minio Salgado*

O Estrangeiro: capa e contra-capas da primeira edição e documentos do acervo de Genésio Pereira Filho



Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa



Xavier - www.xavi.com.br

Escolha a opção correta:

- Um milhão de pessoas já chegou ou chegaram?
 Resp.: Chegou – chegaram.
 O verbo pode ficar no singular ou plural.
- Fui eu que fiz ou fez o relatório?
 Resp.: O correto é fui eu que fiz o relatório.
 Quando o sujeito for *que*, o verbo deve concordar com o antecedente.

- Deu ou deram dez horas?
 Resp.: Deram.
 O verbo deverá concordar com o número de horas, portanto é deram.
- Estava zero grau ou graus?
 Resp.: Grau.
 Concorda no singular.
- Ela respondeu: obrigada ou obrigado?
 Resp.: Obrigada.
 Concorda com o termo a que se refere.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. E-mail: portsonia@ig.com.br

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - CATAVENTO - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -

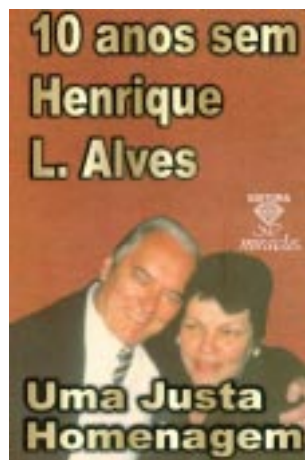
Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463
 Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -
 E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br



Agostinho e Vieira – Mestres de Sujeitos, de João Barcellos e Manuel Reis, ProfEdições, Portugal, 120 páginas. A obra é dividida em duas partes: A Dimensão Jesuana do poeta-Monge & Anarco-Esotérico – Agostinho da Silva – O Filósofo da Lusíada Essência e Revelações sobre Agostinho e Vieira do Lado dos Sujeitos. João Barcellos é historiador, escritor, dramaturgo, jornalista e editor. Manuel Reis é presidente do Centro de Estudos do Humanismo Crítico. **ProfEdições:** Rua D. Manuel II, 51 C 2.º andar, sala 2.5 - 4050-345 - Porto. Tel. 226002790 - Fax 226070531. E-mail: livros@profedicoes.pt - Site: <http://www.profedicoes.pt/livraria/index.php>

Caminhos do Desejo, contos de Henrique L. Alves, Editora Miracle, São Paulo, 104 páginas. A obra, agraciada com o *XVIII Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*, em 1995, na categoria Literatura, foi reeditada em homenagem aos 10 Anos de falecimento de Henrique L. Alves. Colaborador do jornal *Linguagem Viva*, Henrique foi agraciado com importantes prêmios literários como o *Ramos Paz*, da Academia Brasileira de Letras. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Paulistana de História, da Academia de Letras de Campos do Jordão e foi presidente da União Brasileira de Escritores e da Associação Paulista de Críticos e Artes. **Editora Miracle:** Tel.: (11) 4365 –2676. Site: www.editoramiracle.com

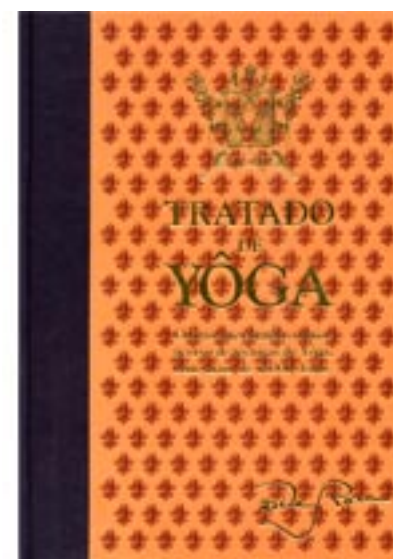


Gente da Terra, romance de João Barcellos, Edicon, São Paulo, 320 páginas. João Barcellos, historiador, crítico, contista, dramaturgo, poeta, jornalista, romancista e editor, atua no Centro de Estudos do Humanismo Crítico de Portugal, Eintritt Frei da Alemanha e no Grupo Granja Interncaional. Segundo Rosemary O'Connor, da Science and Education Journal, Dublin, Irlanda, "*Gente da Terra* é um romance histórico de João Barcellos, que nos mostra a importância dos lusos e dos luso-paulistas no bandeirar o Brasil nos sertões paulistas." **Edicon:** Rua Herculano de Freitas, 181 – São Paulo – SP – 01308-020. Telefax: (11) 3255-1002 e 3255-9822. Site: www.edicon.com.br



O Hino Inumano & Outros Poemas, de Wagner Hertzog, All Print Editora, 80 páginas. A poesia de Hertzog, rica em imagens poéticas, sonoridade e alusões, constrói amplos painéis que traçam as tragédias e atrocidades de um universo intensamente pessoal. O autor domina os recursos da criação poética que remetem o leitor a inúmeras possibilidades interpretativas. Wagner Hertzog incorpora à sua criação elementos vanguardísticos e, ao mesmo tempo, dá continuidade a uma tradição. O livro de estréia *Espelhos da Escuridão* (2004) mostrou as qualidades poéticas do autor. **Livraria da Lua:** <http://www.livrariadalua.com.br> - com entrega em todo o Brasil pela ECT.

Tratado de Yoga: O Livro Que Contém o Maior Acervo, de Mestre Derose, Editora Nobel, São Paulo, 946 páginas. A obra reúne oito livros do Mestre DeRose, da Universidade de Yôga. O tratado aborda a origem do Yôga, a pronúncia, a estrutura do Hinduísmo até os diversos tipos de Yôga. São 58 exercícios respiratórios, 32 mantras, 27 Kriyás, 52 exercícios de concentração e meditação, 108 mudrás com ilustrações e mais de 2.000 técnicas corporais com fotografias. Tem um capítulo específico para a prática básica de Yôga, com oito técnicas. **Editora Nobel:** Rua Pedroso Alvarenga, 1046 - São Paulo - SP - 04531-004. Tel.: (11) 3706-1466. E-mail: atendimento@editoranobel.com.br



Sua Majestade, o Intérprete – o fascinante mundo da tradução simultânea, de Fernando Magalhães Jr., Parábola Editorial, São Paulo, 232 páginas. O autor é tradutor, intérprete de conferências e idealizador de um inovador programa de formação de intérpretes. A obra é fruto de observação, reflexão, pesquisa, interações e experiências profissionais e humanas. Cristovam Buarque, no prefácio da obra, afirma que "é um livro de aventura, que descreve as emoções de um tradutor e intérprete no enfrentamento de desafios." **Parábola Editorial:** R. Clemente Pereira, 327- São Paulo – SP – 04216-060. Tel.: (11) 6914-4932. Site: www.parabolaeditorial.com.br

Indicador Profissional



Advogado

Genésio Pereira Filho

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - Cjs. 62/64 - São Paulo - SP - 01318-903 Tel.: (11) 3107-7589

Moda
Belíssima
Com qualidade e elegância

Roupa Européia

Av. São Luís, 218 – 01046-000 – São Paulo – SP
Tels: (11) 3120-5820 - 3258-9105

Notícias



Hersch Basbaum

O Senhor de Paris, de Hersch Basbaum, peça classificada em primeiro lugar no 6º Concurso Nacional de Dramaturgia - *Prêmio Carlos Carvalho*, foi apresentada no dia 5 de junho, no Teatro Renascença. A peça foi dirigida por Camilo de Lélis e contou com a participação dos atores Carlos Azevedo, Evandro Soldatelli, João Diemer e Leonardo Machado. Hersch Basbaum é diretor da União Brasileira de Escritores e exerceu o cargo de diretor da SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Samuel Pinheiro Guimarães, secretário-geral do Itamaraty, foi laureado com o *Prêmio Intelectual do Ano* de 2006, promovido pela União Brasileira de Escritores, com patrocínio da *Folha de S. Paulo*, com a obra *Desafios brasileiros na era dos gigantes*. O embaixador receberá o Troféu Juca Pato, em solenidade a ser marcada pela entidade, do vencedor do ano anterior, Luiz Alberto Moniz Bandeira.

A Associação Brasileira de Editoras Universitárias elegeu nova diretoria para o biênio 2007/2009, que será presidida Valter Kuchembecker (ULBRA). Flávia Rosa (UFBA) foi reeleita vice-presidente.

Leandro Konder lançou *Sobre o amor*, pela Boitempo. Konder discute o amor mostrando as concepções e experiências de autores clássicos da Literatura, da Filosofia e das Ciências Humanas.

O Itaú Cultural relançou a enciclopédia de Literatura brasileira, com 130 verbetes, na página da internet www.itaucultural.org.br

Marly de Oliveira, poeta e ex-esposa de João Cabral de Melo Neto, faleceu no Rio de Janeiro, aos 69 anos. Marly foi agraciada, em 1998, com o *Prêmio Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro.

O Prêmio Vivaleitura está com inscrições abertas até o dia 9 de julho. Informações pelo telefone 0800-7700987. Inscrições no site www.premiovivaleitura.org.br

Ricardo Viveiros e Marco Antonio Eid lançaram *O signo da verdade - Assessoria de imprensa feita por jornalistas*, pela Summus Editorial.

Roberto Cavalcanti de Albuquerque, laureado com o *Prêmio Machado de Assis*, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra, receberá a importância de R\$ 100 mil. As demais categorias receberão R\$ 36 mil cada: *Poesia*, Alberto da Cunha Melo e Adriano Espinola; *Ficção, Romance, Teatro e Conto*, Rubem Fonseca; *Ensaio, Crítica e História Literária*, Francisco Weffort; *Literatura Infanto-Juvenil*, Adélia Prado; *Tradução*, Barbara Heliadora; *História e Ciências Sociais*, Laura de Mello e Souza.

José Mindlin receberá o título de doutor *Honoris Causa* da Universidade de Passo Fundo, na 12ª Jornada Nacional de Literatura.

Alunos da 6ª à 9ª séries do ensino fundamental da rede pública receberão livros didáticos de inglês e de espanhol.

Simone Bibian com a obra *O menino, o cachorro*, foi laureada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, na categoria o Melhor Livro para Criança.

A 3ª Edição da Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas, que acontecerá de 27 a 30 de setembro, em Pernambuco, fará uma homenagem à Literatura latino-americana. Informações: www.fliporto.com

A Apuração Final do Prêmio Jabuti 2007 será realizada no dia 15 de agosto, às 10h, na sede da entidade, Rua Cristiano Viana, 91, em São Paulo. A cerimônia de premiação acontecerá na Sala São Paulo da Estação Júlio Prestes, no dia 31 de outubro. Informações pelo telefone (11) 3069-1300 ou através do e-mail: jabuti@cbl.org.br

João Sayad, Secretário de Estado da Cultura, inaugurou a nova sede do "São Paulo, um Estado de Leitores", programa estadual de incentivo à leitura, à Rua do Triunfo, 301/305, em São Paulo. Informações pelo telefone (11) 3331-5549.

Per Petterson foi agraciado com o prêmio de 100 mil libras esterlinas, pelo International IMPAC Dublin Literary Award, com a obra *Out stealing horses*.

A revista Jalons, dirigida por Jean-Paul Mestas, publicou na edição nº 87 a primeira estrofe de "O Acampamento" em francês, de Aricy Curvello.

O COOJORNAL republicou a entrevista que os editores do jornal *Vaia*, Marco Marques e Fernando Ramos Trindade, fizeram com Aricy Curvello. Site: www.coojournal.com.br

O 9º Encontro Internacional Literário aBrace, que acontecerá em Havana - Cuba, terá estande com obras de autores brasileiros e contará com uma programação cultural. Os interessados em expor seus livros deverão entrar em contato pelo Tel.: (61) 3351 9271. E-mail: ninareis@internet.com.uy

A FLAP! 2007, promovida pelo Espaço Satyros, acontecerá de 29 a 1 de julho, em São Paulo. A abertura será no dia 29 de junho, com uma leitura de poesia contemporânea, na Casa das Rosas, Av. Paulista, nº 37. O evento contará com debates, que serão realizados no Espaço dos Satyros I, Pça. Roosevelt, nº 214, em São Paulo. Informações pelo telefone (11) 3258-6345 ou através do e-mail satyros@uol.com.br

O Fórum Poesia 2007 acontece às quartas-feiras, às 19 horas, no Salão Dourado do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Av. Pasteur, 250, no Rio de Janeiro, sob a coordenação de Laura Esteves, Tanussi Cardoso e Marcus Vinícius Quiroga.



Genésio Pereira Filho

Genésio Pereira Filho proferiu palestra sobre Cecília Meireles na solenidade de posse da Academia Estudantil de Letras EMEF Cecília Meireles, da Rede Municipal de Ensino, no dia 21 de junho, às 14 horas, Rua Frei Ricardo Pilar 61, no bairro de Cangaíba, em São Paulo.

A 3ª Bienal Capixaba do Livro, que acontecerá de 21 de junho a 1 de julho, no Shopping Vitória, no Espírito Santo, é promovida pela Câmara Capixaba do Livro, com apoio da Câmara Brasileira do Livro.

O I Encontro Internacional de Poesia, promovido pela Usina de Sonhos e Prefeitura Municipal de Dois Córregos, com apoio da Secretaria Municipal de Cultura, Sistema Fiesp, Caixa Econômica Federal e União Brasileira de Escritores, aconteceu nos dias 15, 16 e 17 de junho, em Dois Córregos. A Usina de Sonhos é presidida por José Eduardo Mendes Camargo.

A Petrobrás patrocinou o Salão do Livro para Crianças e Jovens, organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, que aconteceu no início de junho no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

O Espaço Conhecer, promovido pela Petrobrás, estande instalado em feiras de livros, eventos e projetos sociais, promove oficinas de livros de pano e de papel reciclado, além de leituras com profissionais como o contador de histórias João Mauro Brant.

Profa. Sonia

Revisão - Digitação

Aulas particulares

Tel.: (11) 6692-4635
portsonia@ig.com.br



Livraria Brandão

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados. Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646

Fax: (Todos) Ramal 23

oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br